Universidade do Minho
Escola de Psicologia

Sandra Costa Martins

Transmissão Materna de Género e Sexismo na Violência no Namoro em Adolescentes

junho de 2025

Transmissão Materna de Género e Sexismo na Violência no Namoro em Adolescentes

Sandra Costa Martins

UMinho | 2025

Universidade do Minho
Escola de Psicologia

Sandra Costa Martins

Transmissão Materna de Género e Sexismo na Violência no Namoro em Adolescentes

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Psicologia da Justiça

Trabalho efetuado sob a orientação do
Professora Doutora Paula Cristina Marques Martins

junho de 2025

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.
Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.
Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.



Atribuição-NãoComercial-SemDerivações
CC BY-NC-ND

https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/

Agradecimentos

Gostaria de expressar o meu agradecimento à Professora Doutora Paula Cristina Marques Martins, minha orientadora de dissertação, por me ter acolhido no seu grupo de investigação. A oportunidade de integrar este grupo e de desenvolver um tema com significado pessoal contribuíram para a realização deste trabalho.

Agradeço à direção da Escola Secundária de Barcelos, Escola Secundária de Barcelinhos e Escola Secundária de Vila Cova, por me terem permitido aplicar o meu inquérito e concretizar a recolha de dados necessária para este estudo. O apoio, o carinho e a motivação com que fui recebida nestas instituições foram verdadeiramente importantes.

Aos meus pais, agradeço do fundo do coração por todo o apoio, compreensão e incentivo nos momentos mais difíceis desta caminhada. Estiveram sempre ao meu lado, e com a sua ajuda tornaram possível ultrapassar obstáculos que, por vezes, pareciam intransponíveis.

À minha melhor amiga, Beatriz, agradeço pela amizade que nos une desde do primeiro dia da nossa licenciatura e pelo apoio incondicional, mesmo enquanto também enfrentava o desafio da sua própria dissertação. A tua motivação, companhia e ajuda no tratamento estatístico foram fundamentais. Esta conquista tem, também, o teu contributo.

Ao meu namorado, agradeço por toda a paciência, carinho e por nunca ter desistido de me lembrar do quanto sou capaz. A tua presença constante nos momentos de incerteza deu-me força para seguir em frente, mesmo quando eu própria duvidava.

A todas as pessoas que, mesmo sem estarem aqui nomeadas, contribuíram com palavras de incentivo, gestos de apoio ou simplesmente estando presentes: obrigada. Ajudaram-me a ser resiliente, a manter o foco e a acreditar que esta etapa seria uma parte essencial do meu percurso.

E, por fim, aos que partiram antes do tempo, mas que deixaram em mim uma força que não se apaga. Celebraram comigo a licenciatura e, embora hoje não estejam fisicamente, sei que este mestrado também é deles. A sua memória vive em cada conquista.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Universidade do Minho,

Sandra Costa Martins

Transmissão Materna de Género e Sexismo na Violência no Namoro em Adolescentes

Resumo

A violência no namoro na adolescência é um fenómeno com sérias implicações psicossociais, influenciado por múltiplos fatores, nomeadamente os papéis de género. A literatura destaca que atitudes face aos papéis de género, frequentemente transmitidas intergeracionalmente, podem legitimar comportamentos violentos. Este estudo procurou responder à questão: "de que forma as atitudes dos adolescentes face à violência no namoro se relacionam com as suas perceções de papéis de género e com a transmissão materna das normas de género?". Foram formuladas seis hipóteses, destacando o papel do género, experiência amorosa, sexismo, escolaridade materna e a relação entre crenças maternas e filiais. O estudo utilizou um desenho transversal com 233 adolescentes (M = 16,31 anos; DP= 1.025) e 132 das suas mães, recrutados em escolas do concelho de Barcelos. Os resultados indicaram que o sexo masculino e o sexismo hostil são preditores significativos da legitimação da violência no namoro. Observou-se ainda uma correlação entre as atitudes maternas e as perceções dos filhos, embora com padrões complexos. Estes resultados sublinham a importância de intervenções educativas focadas na igualdade de género, com envolvimento da família e da escola, e evidenciam a necessidade de abordagens multissistémicas para compreender e prevenir a violência no namoro.

Palavras-chaves: violência no namoro, adolescentes, papéis de género, intergeracionalidade, adolescentes

Maternal Transmission of Gender and Sexism in Adolescent Dating Violence

Abstract

Dating violence in adolescence is a phenomenon with serious psychosocial implications, influenced by multiple factors, particularly gender roles. The literature highlights those attitudes toward gender roles, often transmitted intergenerationally, may legitimize violent behaviours. This study aimed to answer the question: "How are adolescents' attitudes toward dating violence related to their perceptions of gender roles and the maternal transmission of gender norms?" Six hypotheses were formulated, emphasising the role of gender, romantic experience, sexism, maternal education, and the relationship between maternal and filial beliefs. A cross-sectional design was used, involving 233 adolescents (M = 16.31 years; SD = 1.025) and 132 of their mothers, recruited from schools in the municipality of Barcelos. The results indicated that being male and displaying hostile sexism are significant predictors of the legitimation of dating violence. A correlation was also observed between maternal attitudes and adolescents' perceptions, although with complex patterns. These findings underscore the importance of educational interventions focused on gender equality, with the involvement of both families and schools, and highlight the need for multisystemic approaches to understanding and preventing dating violence.

Keywords: dating violence, adolescents, gender of roles, intergeracionality

Índice

Introdução 7

VIOLÊNCIA NO NAMORO NA ADOLESCÊNCIA 7

PAPÉIS DE GÉNERO 8

INTERGERACIONALIDADE 9

Método 13

PARTICIPANTES 13

MEDIDAS 15

PROCEDIMENTO 16

ANÁLISE ESTATÍSTICA 17

Resultados 17

Discussão 24

Conclusão 28

Índice de Tabelas

Tabela 1 13

Tabela 2 18

Tabela 3 19

Tabela 4 20

Tabela 5 21

Tabela 6 22

Tabela 7 23

Introdução

Violência no Namoro na Adolescência

Durante a adolescência, os jovens vão construindo a sua identidade psicossocial que está relacionada com a criação de novos vínculos afetivos, com a diferenciação dos papéis de género e a motivação para explorar novas formas de pensar e agir (Silva *et al.*, 2021). Os relacionamentos amorosos são uma característica desta fase e são fatores importantes para o desenvolvimento e o bem-estar individual (Bouchey & Furman 2006; Collins 2003; Furman & Collins 2009). O namoro na adolescência proporciona a oportunidade de aprender sobre relacionamentos íntimos e desenvolver competências interpessoais (Cava *et al.*, 2023). Vários autores explicam que estas primeiras experiências amorosas exercem uma influência significativa no desenvolvimento psicossocial e afetivo dos adolescentes (Beckmeyer *et al.*, 2020; Lapierre *et al.*, 2019; Smetana *et al.*, 2006) tendo-se concluído que as relações amorosas não são passageiras e transitórias como inicialmente se presumia (Collins, 2003). Além disso, revelou-se que as relações de namoro tendem a ser normativas durante a adolescência (Cava *et al.*, 2023), mostrando uma estabilidade crescente após o início da adolescência (Smetana *et al.*, 2006). Carver e colegas (2003) confirmam, de uma certa forma, esta trajetória normativa com um estudo que verificou que a meio da adolescência a maioria dos indivíduos já esteve envolvida em pelo menos uma relação amorosa nos últimos 18 meses, pelo que 36% tinham 13 anos, 53% tinham 15 anos e 70% tinham 17 anos.

Contudo, estas experiências precoces de namoro podem criar alguns desafios quando envolvem expectativas irrealistas. Isto é, quando surgem conflitos e situações de stress, os adolescentes podem adotar vários comportamentos inadequados na tentativa de manter o relacionamento, sendo um deles a violência no namoro (Harper & Welsh, 2007). Esta engloba qualquer comportamento agressivo, assédio ou ataque intencional contra um parceiro ou ex-parceiro, incluindo abusos físicos, sexuais ou psicológicos, que ocorra num relacionamento romântico entre jovens ou adolescentes (Centers for Disease Control and Prevention [CDC] (2020). Mais recentemente, o CDC (2021) inclui o *stalking* na sua definição da violência no namoro. É de notar que existem diversos estudos que revelam uma prevalência preocupante de casos de agressão física durante o período de namoro ou relação amorosa. Verificou-se que homens e mulheres sofreram abuso físico por parte do parceiro havendo uma taxa elevada de agressão às pessoas do sexo feminino (Raveesh *et al.*, 2022). A violência sexual entre os jovens muitas vezes não é reconhecida como tal, sendo frequentemente normalizada uma vez que este tipo de violência abrange uma variedade de atos, tanto com contato físico, como a violação ou, quanto sem, como o assédio e coerção sexual (Barbara *et al.*, 2022). A violência psicológica, na sua maioria, é usada

simultaneamente com a violência física e sexual, e resulta em sintomatologia diversa como sentimentos de solidão, medo, ansiedade, entre outros (Matos *et al.*, 2009).

Nos últimos anos, a violência no namoro entre adolescentes tem sido alvo de investigação dado que a violência no namoro é um fenómeno bastante comum a nível mundial (Bonomi *et al.*, 2013; Romito *et al.*, 2013). Em Portugal, 25,4% dos jovens referiram já ter sofrido algum ato de violência no namoro com 13,4% de abuso físico e 19,5% de abuso psicológico/emocional (Machado *et al.*, 2010). Apesar de ser um problema importante por si só, sugere-se que a violência no namoro é um preditor da violência conjugal em adultos, o que mostra que tem impacto a longo prazo (Piolanti *et al.*, 2023). O aumento deste acontecimento traz preocupações nos jovens, impactando o seu bem-estar e as consequências desta violência são graves e duradouras, tanto na saúde física como na saúde mental (Ramírez-Carrasco *et al.*, 2023). Os primeiros sinais de maus-tratos surgem geralmente no início das relações amorosos na forma de comportamentos restritivos, controladores e de abuso psicológico para minimizar a autonomia dos parceiros que aumentam ao longo do tempo, dificultando a rutura do relacionamento tóxico (Giordano *et al.*, 2010). Ademais, os comportamentos e atitudes relativamente às relações amorosas, adquiridos durante a adolescência, tendem a transformar-se em padrões duradouros ao longo da vida (Boisvert *et al.*, 2023), pelo que comportamentos abusivos no namoro que possam surgir, podem transformar-se em hábitos persistentes ao longo do tempo e transitar para a idade adulta. (Lapierre *et al.*, 2019; Reyes *et al.*, 2016).

Papéis de Género

Entre múltiplos fatores que promovem a violência nas relações amorosas, tais como experiências de violência interpessoal na infância ou violência interparental, a literatura tem dado ênfase às crenças sobre as atitudes em relação aos papéis de género (Reyes *et al.*, 2016). O género refere-se a normas e expectativas sociais construídas sobre como as pessoas devem agir e pensar com base na sua identificação sexual (Krishna *et al.*, 2024). Consequentemente, os papéis de género definem-se por um conjunto de normas comportamentais que correspondem a um determinado género, e são aprendidos através da imitação durante o processo de socialização (Endendijk *et al.*, 2018; Kessler e Milligan, 2021) sendo geralmente adquiridos e reforçados em casa (Krishna *et al.*, 2024). Amato e Booth (1995) explicam que existem dois tipos de atitudes em relação aos papéis de género que são as atitudes tradicionais (ou não igualitárias) e as atitudes igualitárias (liberais ou não tradicionais). Enquanto as atitudes tradicionais assumem que os homens e as mulheres têm papéis distintos e específicos, as atitudes igualitárias evidenciam que ambos os géneros possuem capacidades e direitos iguais em todos

os aspetos da vida. De acordo com as perspetivas teóricas feministas, os homens que têm atitudes de papel de género mais tradicionais possuem maior risco de usar a violência entre parceiros uma vez que as crenças tradicionais abrangem a expectativa de que os homens devem estar numa posição social dominante que lhes dê privilégio e poder sobre as mulheres (Dobash & Dobash, 1979).

Segundo a investigação (Mahlstedt & Welsh, 2005), as crenças em relação aos papéis de género são vistas como elementos-chave que contribuem para a violência no namoro. Num estudo (Sears *et al.*, 2007) encontrou-se uma associação entre as atitudes em relação aos papéis de género e a perpetração de violência no namoro por adolescentes do sexo masculino, isto é, as crenças tradicionais sobre os papéis de género estão associadas à perpetração e vitimação da violência sexual no namoro. Contudo, no estudo desenvolvido por Reitzel-Jaffe e Wolfe (2001) verificou-se que os jovens universitários que apresentavam atitudes igualitárias mostravam maior tolerância à violência no relacionamento e maior propensão para agredir fisicamente os parceiros, em comparação com aqueles que adotavam uma ideologia tradicional dos papéis de género. Por outro lado, existem estudos com resultados inconsistentes acerca desta problemática, tal como se demonstra no estudo longitudinal desenvolvido por Foshee e colegas (2001) que não encontrou qualquer tipo de associação entre as atitudes de género e violência no namoro. Logo é de notar que existe alguma complexidade nestas duas variáveis.

A investigação demonstra que estas crenças acerca das atitudes de papéis de género são aprendidas desde criança (Sánchez Guerrero *et al.*, 2023; Ullrich *et al.*, 2022; Wilhelm *et al.*, 2023) e são cruciais para a compreensão do desenvolvimento dado às implicações que estes possam ter a nível individual (Endendijk *et al.*, 2018; Kessler & Milligan, 2021), social e familiar (Kretschemer, 2024). As crianças desenvolvem rapidamente um conjunto notável de perceções relacionadas com o género, incluindo a identidade de género e os estereótipos associados, com base nas diversas pistas de género presentes na sua experiência social (Martin & Rubble, 2004) normalmente ensinados pelos pais (Chen *et al.*, 2016, Chen *et al.*, 2019) transmitindo as suas próprias cognições de género durante o processo parental (Chi & Yu, 2011; Kaferly *et al.*, 2020). É de notar que a maneira como os pais percebem e transmitem os papéis de género na educação dos filhos influencia tanto a identidade de género como a forma como os filhos adotam esses papéis (Chen *et al.*, 2016, Chen *et al.*, 2019; Yang *et al.*, 2021).

Intergeracionalidade

A intergeracionalidade ou transmissão intergeracional refere-se à repetição de padrões de comportamento repetidos ao longo das gerações (Bowers & Yehuda, 2016; Hopkins *et al.*, 2011; Leve *et al.*, 2015). Certos autores (Madden, *et al.*, 2015; Marin *et al.*, 2013; Weber *et al.*, 2006) limitam-se a

perceber este fenómeno à reprodução de padrões relacionais entre pais e filhos, sugerindo que as crianças e os adolescentes aprendem através da observação pela forma como os pais se comportam e posteriormente imitam esses comportamentos nas suas relações futuras mantendo o ciclo geracional. Por outro lado, outros estudos (Almeida & Netto Junior, 2015; Quintelier, 2015) ampliaram o conceito de intergeracionalidade e explicam que pode existir uma possível transmissão para os mais diversos comportamentos. Deste modo, este fenómeno começou a ser estudado em vários comportamentos sejam eles motores ou sociais (Comodo *et al.*, 2017) nomeadamente o comportamento disciplinar (Niu *et al.*, 2018), o comportamento moral (Weber & Gomide, 2007), a obesidade (Almeida & Netto Junior, 2015), os papéis de género (Endendijk *et al.*, 2018; Kessler & Milligan, 2021) e até nos mais complexos como nos valores ambientais e comportamentos ambientais específicos (Grønhøj & Thøgerse, 2009), embora o mais estudado seja com atitudes parentais (Chen *et al.*, 2024).

A transmissão sobre os valores do papel de género dos pais frequentemente influencia o desenvolvimento dos papéis de género das crianças por meio das suas atitudes e comportamentos parentais, tais como organização de atividades, rotina diária e relações interpessoais (Chen *et al.*, 2019). Os papéis de género continuam a ser mantidos ao longo das gerações pela transmissão dos comportamentos em função do género, que são expressas de forma implícita, principalmente através das práticas parentais. Isto é, comportamentos e alegações disfarçadas dos pais que passem mensagens indiretas sobre expectativas diferenciadas de rapazes e raparigas, sem dialogar diretamente (Mesman & Groeneveld, 2018). Estudos observacionais mostram que os pais podem responder de forma diferente a rapazes e raparigas, mesmo que não consigam se aperceberem dessas diferenças (Endendijk *et al.*, 2016).

Os pais criam expectativas sobre os interesses, comportamentos e capacidades assim que uma criança é identificada como rapaz ou rapariga (Martin *et al.*, 2002), como na escolha dos brinquedos. Os pais tendem a comprar brinquedos estereotipados de acordo com o sexo dos filhos – como bonecas para as meninas e carros para os meninos – acabando por ligar implicitamente o sexo dos seus filhos a papéis de género específicos de cada género. Consequentemente, os papéis de género acabam por ser encorajados e absorvidos enquanto as crianças brincam com esses brinquedos (Mesman & Groenveld, 2018), uma vez que esta exposição promove as cognições e comportamentos de género nas crianças (Coyne *et al.*, 2014). O mesmo acontece com a divisão das tarefas influenciando as noções das crianças sobre o que é tipicamente masculino ou feminino mesmo quando elas não são explicitamente informadas sobre estes papéis (Mesman & Groenveld, 2018). As crianças identificam-se mais com os pais do mesmo sexo, o que as levam a imitar os interesses e atividades desses pais. Além disso, a imitação e

internalização destes processos podem desencadear novos comportamentos sem observação direta, mas que se enquadrem no quadro geral dos padrões de comportamentos de género (Bussey & Bandura, 1999) Verifica-se que na educação disciplinar, os pais são mais propensos a recorrer a força física nos rapazes do que nas raparigas, dado que os rapazes são mais desafiantes fisicamente e consequentemente provocam tais reações nos pais (Verhoeven *et al.*, 2010). Assim, as formas como a socialização de género são feitas, são motivadas pelas crenças de género dos pais do que pelos padrões de comportamentos das crianças uma vez que a modelagem parental é uma importante fonte de informação sobre papéis de género para crianças (Bussey & Bandura, 1999).

Por outro lado, existem as práticas parentais de género que transmitem mensagens indiretas, porém estereotipadas de género aos seus filhos acerca das expectativas ou opiniões gerais de género (Mesman & Groenveld, 2018). As atribuições de género referem-se às deduções e crenças distintas em relação a cada género que os pais criam as causas baseando-se nos comportamentos, preferências e realizações dos seus filhos, enquanto que os estereótipos de género diferem uma vez que estes dizem respeito às características, papéis atribuídos a homens e mulheres na sociedade (Reyna 2000; Portengen *et al.*, 2023). Os estereótipos de género são um conjunto de crenças partilhadas sobre atributos pessoais, competências e papéis em relação ao homem e a mulher que se têm mantido estável ao longo do tempo (Kollmayer *et al.*, 2018). Eles são aprendidos tanto por experiências pessoais quanto pelo que vemos e ouvimos ao nosso redor (Eagly & Koenig, 2021). Uma vez que a sociedade espera que o homem e a mulher ajam de uma determinada forma, os mesmos acabam por serem reforçados e consequentemente dificulta a mudança (Diekman & Eagly, 2008; Eagly *et al.*, 2020; Hanek & Garcia 2022). Além disso, a criação de novos papéis sociais para cada género é impedida devido aos papéis tradicionalmente atribuídos a cada um são percecionados como uma exigência (Eagly & Koenig, 2021).

A teoria dos esquemas de género desenvolvida por Bem (1981ª) trata-se de uma teoria cognitivo-social que explica como é que as pessoas presentes na sociedade se tornam sexuadas desde muito cedo e qual é o impacto desta construção de género no ponto de vista do processamento cognitivo ao longo do desenvolvimento. Esta teoria insinua que as crianças desenvolvem esquemas mentais sobre o que significa ser masculino ou feminino desde da mais tenra idade e agem de acordo com o seu género. Além disso, o impacto desta sexualização nas crianças, provoca a rejeição de qualquer forma de comportamento que não corresponde ao seu sexo (Bem, 1993).

Então, embora a teoria de esquemas de género dá enfoque a ligação entre as cognições de género e comportamento, e as experiências de género nas crianças, os pressupostos desta teoria também podem ser utilizados para explicar como os pais internalizam e reproduzem normas de género

ao socializar os filhos (Portengen *et al.*, 2023). Apesar da mudança constante ao longo do desenvolvimento da criança que vai diferindo individualmente acerca dos esquemas de género (Kollmayer et al., 2018), pais com cognições de género menos forte sobre o género, têm tendência a uma maior probabilidade de mostrar uma socialização igualitária dos seus filhos (Mesman & Groenveld, 2018), assim como crianças que provêm de família de género tradicionais acabam por ter uma visão mais estereotipada do género (Sinno & Killen, 2009) devido a estereótipos culturais de género (Kollmayer *et al.*, 2018).

A importância de iniciar o estudo sobre a violência de género numa perspetiva transgeracional prende-se com a escassez de investigação sobre este tema em Portugal, o que representa um campo relevante a explorar e compreender. Nesse sentido, torna-se fundamental analisar as perceções dos adolescentes acerca dos papéis de género e da violência no namoro, bem como a forma como as mães transmitem essas perceções aos seus filhos ainda adolescentes. Esta abordagem permite compreender os motivos pelos quais as normas de género são mantidas e reproduzidas na sociedade, contribuindo para o desenvolvimento de estratégias de intervenção adequadas.

Dada a complexidade do tema e os resultados contraditórios na literatura existente, o presente estudo tem como objetivos analisar a influência das atitudes face aos papéis de género na legitimação da violência no namoro entre adolescentes, assim como investigar a transmissão intergeracional materna das crenças relacionadas com esses papéis. Assim, procura-se responder à seguinte questão: de que forma as atitudes dos adolescentes face à violência no namoro se relacionam com as suas perceções de papéis de género e com a transmissão materna das normas de género?

Como hipóteses, prevê-se que (1) Os rapazes apresentam atitudes mais legitimadoras face à violência no namoro e níveis mais elevados de sexismo do que as raparigas. (2) os adolescentes com experiência de relacionamentos amorosos apresentam maior legitimação da violência no namoro do que jovens sem essa experiência; (3) quanto maior a presença de as atitudes sexistas e os estereótipos de género, maior será a legitimação da violência no namoro; (4) as mães com habilitações académicas mais elevadas apresentam crenças mais igualitárias sobre os papéis de género; (5) as crenças das mães, sejam tradicionais ou igualitárias, estão positivamente correlacionadas com perceções dos filhos que refletem o mesmo tipo de visão sobre os papéis de género e; (6) O género e o sexismo hostil são preditores significativos para a violência no namoro.

Método

Participantes

A amostra deste estudo foi composta por 233 adolescentes (N=114 do sexo masculino e N=119 do sexo feminino) com idades compreendidas entre os 14 e os 18 anos (*M*=16.31; *DP*=1.025), e pelas suas respetivas mães (N=132). A seleção dos participantes foi realizada em duas fases. Numa primeira fase, recorreu-se a uma amostragem por conveniência, de natureza não probabilística, para a seleção das escolas secundárias do concelho de Barcelos, tendo sido incluídas apenas as instituições que manifestaram disponibilidade para colaborar no estudo. Numa segunda fase, procedeu-se à seleção dos alunos através de uma amostragem aleatória estratificada, com estratificação por ano de escolaridade e turma. Foram incluídas três escolas distintas e, em cada uma delas, foram selecionadas aleatoriamente três turmas por cada ano de escolaridade.

A caracterização da amostra, com base nos dados sociodemográficos mais relevantes para este estudo, encontra-se sintetizada na Tabela 1. No que se refere à situação de coabitação familiar, a maioria dos participantes (80.3%) vive com ambos os pais, enquanto 15.5% residem apenas com a mãe. Além disso, 54.6% dos participantes referiram já ter vivido uma relação amorosa, independentemente da sua duração (superior ou inferior a seis meses).

No que diz respeito às mães que aceitaram participar no estudo, observa-se que 59.1% têm entre 41 e 50 anos, 25% situam-se entre os 51 e os 60 anos, 13.6% têm entre 30 e 40 anos e apenas 2,3% têm mais de 60 anos. Relativamente ao estado civil, a maioria das mães (80.3%) são casadas, 11.4% são divorciadas, 4.5% são viúvas e 3.8% são solteiras. Quanto ao nível de escolaridade, 53% das mães concluíram o ensino básico, 34.1% o ensino secundário e 12.9% possuem formação superior. Por fim, relativamente ao número de filhos, 64.4% das mães têm dois filhos, 20.5% têm apenas um e 15.2% têm três filhos.

Tabela 1

Caracterização sociodemográfica dos adolescentes e das respetivas mães participantes no estudo

	N	%
Adolescentes	233	63.84%
	M	*DP*
Idade	16.31	1.025
	N	%
Género		

Masculino	114	48.9%
Feminino	119	51.1%
Coabitação com os pais		
Sim	187	80.3%
Não	8	3.4%
Só com a mãe	36	15.5%
Só com o pai	2	0.9%
Relacionamento amoroso (experiência e duração)		
Sim > 6 meses	84	36.1%
Sim < 6 meses	43	18.5%
Não	106	45.5%
	N	%
Mães	132	36.16%
Idade		
Entre 30 e 40 anos	18	13.6%
Entre 41 e 50 anos	78	59.1%
Entre 51 e 60 anos	33	25.0%
Mais de 60 anos	3	2.3%
Estado Civil		
Solteira	5	3.8%
Casada	106	80.3%
Divorciada	15	11.4%
Viúva	6	4.5%
Habilitações Literárias		
Ensino Básico	70	53.0%
Ensino Secundário	45	34.1%
Ensino Superior	17	12.9%
Nº Filhos		
Um	27	20.5%
Dois	85	64.4%
Três	20	15.2%

Medidas

Questionário de Caracterização Sociodemográfica

Foi elaborado um questionário de recolha de dados sociodemográficos com o objetivo de caracterizar a amostra de adolescentes e as suas respetivas mães. Para os adolescentes, foram recolhidas as seguintes variáveis: género, idade, nacionalidade, situação de coabitação com os pais, outras pessoas com quem residem e experiência anterior em relacionamentos amorosos. Relativamente às mães, foram recolhidos dados sobre a idade, nacionalidade, religião, habilitações literárias, estado civil e número de filhos.

Escala de Deteção de Sexismo em Adolescentes (DAS; Fernandes *et al.*,2020)

Trata-se de um instrumento de autorrelato que avalia conceitos dos adolescentes sobres papéis e funções tradicionalmente atribuídos aos homens (trabalho público, produzir os recursos económicos da família) e às mulheres (trabalho doméstico, cuidados à criança e aos dependentes), assim como aspetos relacionados com as relações de intimidade e de violência. Na sua versão original, esta escala está adaptada para adolescentes entre 14 e 17 anos (Recio *et al.*, 2007), já na sua versão portuguesa, está adaptada para jovens com idades compreendidas entre 13 e 19 anos (Fernandes *et al.*, 2020). Este instrumento é constituído por 26 itens; 16 itens medem o sexismo hostil (SH) e 10 avaliam o sexismo benévolo (SB). A escala de resposta aos itens é de *Likert* com seis possibilidade de resposta (1- discordo totalmente e 6 – concordo totalmente). Para esta amostra, este instrumento apresenta boas características psicométricas na primeira subescala com uma muito boa consistência interna de .907, e uma consistência interna relativamente aceitável na segunda subescala, de .679.

Escala de Atitudes de acerca da Violência no Namoro (EAVN; Saavedra *et al.*, no prelo)

Corresponde a um inventário de autorrelato que tem como propósito avaliar as atitudes acerca da violência física, psicológica e sexual dentro das relações de namoro, seja realizada por rapazes seja por raparigas. O instrumento é composto por 76 itens divididos em seis subescalas, distribuídos da seguinte forma: 15 itens correspondem (1) atitudes acerca da violência psicológica masculina ; 12 itens à (2) atitudes acerca da violência física masculina; 12 itens à (3) Atitudes acerca da violência sexual masculina; 13 itens correspondem à (4) Atitudes acerca da violência psicológica feminina; 12 itens à (5) Atitudes acerca da violência física feminina e 12 itens à (6) Atitudes acerca da violência sexual feminina. O EAVN tem uma escala de respostas de *Likert* de cinco pontos variando entre 1- "Discordo totalmente"

e 5- "Concordo totalmente". Para esta amostra, este instrumento apresenta uma boa consistência interna de .928. Para as subescalas relativas ao sexo masculino, apresentaram uma consistência interna aceitável e boa com um alfa de Cronbach de 0.781, 0.768 e 0.665 respetivamente. Já nas subescalas correspondentes ao sexo feminino revelaram, respetivamente, uma consistência interna entre aceitável e boa com 0.748, 0.848 e 0.82.

Escala de Atitudes Relativas aos Papéis de Género (EARPG; Andrade *et al.*, 2016,)

Avalia as atitudes em relação à igualdade de direitos e os papéis dos homens e das mulheres no contexto dos papéis de género. Este instrumento, na sua versão adaptada contém 20 itens através de dois fatores correspondendo à *divisão tradicional* (ou não igualdade) de papéis de género constituído por 13 itens e *divisão igualitária* dos papéis de género composto por 7 itens. O questionário é respondido numa escala de *Likert* variando entre 1 (completamente de acordo) e 4 (completamente desacordo). Na presente amostra, a escala apresentou um coeficiente de consistência interna de .680 para o fator 1 e de -.228 para o fator 2.

Procedimento

Para a realização deste estudo, foi inicialmente solicitada aos autores a autorização para utilização das escalas, seguida pela solicitação do parecer à Comissão de Ética para Investigação em Ciências Sociais e Humanas da Universidade do Minho. Após a aprovação da mesma, foi pedida a autorização ao Ministério da Educação para permitir entrar em contacto com as escolas e aplicar os inquéritos para a recolha dos dados. Na sequência da autorização concedida pelo Ministério da Educação (MIME) para a aplicação dos inquéritos, procedeu-se ao contacto com as escolas do município de Barcelos, através de comunicações por correio eletrónico, contacto telefónico e visitas presenciais. Das seis escolas abordadas, três consentiram em participar no estudo.

Posteriormente, o consentimento informado foi fornecido aos encarregados de educação dos adolescentes para que autorizassem a sua participação do mesmo e anuíssem na participação da mãe. Neste consentimento, foi explicado o âmbito do estudo, salientada a participação voluntária, tendo sido garantidos a confidencialidade dos dados e o anonimato.

A recolha de dados foi realizada em contexto de sala de aula pelo que foi projetado o código QR para os adolescentes acederem ao *link* do questionário. Foi distribuída uma ficha com um código único a cada adolescente para inserirem no início do inquérito. Assim, tiveram de colocar o código correspondente ao "Filho". Após concluírem a tarefa, foi solicitado aos alunos que guardassem e entregassem a ficha com o código às suas mães para que estas pudessem inserir o código

correspondente a "Mãe" e responder ao questionário. O *link* do inquérito direcionado à mãe foi enviado pelo diretor de turma do adolescente. Este código foi distribuído aleatoriamente aos alunos dado que a única função do mesmo é permitir fazer a correspondência, mantendo o anonimato.

Análise Estatística

A analise estatística deste estudo foi realizada através do programa informático *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) na sua versão 29. Numa primeira fase, foi efetuada uma análise descritiva da amostra, com o objetivo de caracterizar as variáveis sociodemográficas e outras variáveis relevantes do estudo.

Para a comparação de médias entre dois grupos independentes, foram utilizados testes *t* para amostras independentes. Para a comparação de médias entre três ou mais grupos, recorreu-se à análise de variância (ANOVA). Adicionalmente, foram realizadas análises de correlação de Pearson, com o objetivo de explorar a relação entre variáveis. Por fim, foi realizada uma regressão linear múltipla com três modelos, com o objetivo de analisar se existiam associações significativas entre as variáveis em estudo. Importa salientar que, sendo este um estudo de natureza transversal, estas análises permitem identificar associações.

Os pressupostos de normalidade e homogeneidade das variâncias foram verificados previamente à aplicação dos testes estatísticos. Embora algumas variáveis tenham apresentado desvios à normalidade, o tamanho das amostras permitiu a utilização dos testes paramétricos, considerando a sua robustez em amostras amplas. No que respeita à homogeneidade das variâncias, esta foi confirmada para a maioria das variáveis através do teste de Levene. Todavia, o pressuposto não se verificou para as variáveis seguintes: Sexismo Hostil, Sexismo Benévolo, Violência Psicológica Masculina, Violência Física Masculina, Violência Sexual Masculina, Violência Física Feminina e Violência Sexual Feminina. Nestes casos, recorreu-se à versão corrigida dos testes paramétricos, nomeadamente ao teste de Welch, que não exige homogeneidade das variâncias.

Resultados

Para testar a hipótese 1, para averiguar se havia diferenças entre rapazes e raparigas nas atitudes face à violência no namoro e nas atitudes sexistas, foi feito um teste *t,* de comparação dos dois grupos. Foram analisadas as médias nas várias subescalas da Escala de Atitudes sobre a Violência no Namoro (EAVN) e da Escala de Deteção de Sexismo em Adolescentes (DSA).

Tabela 2

Comparação das médias entre rapazes e raparigas nas atitudes face à violência no namoro e sexismo

	Masculino	Feminino		
Escala Atitudes Violência Namoro	*M*(*DP*)	*M*(*DP*)	*t*(d cohen)	*p*
Violência Psicológica Masculina	28.64(7.762)	21.80(4.903)	8.005 (1.059)	<.001
Violência Física Masculina	19.34(6.890)	16.24(4.597)	4.031(.553)	<.001
Violência Sexual Masculina	17.88(5.226)	14.46(2.896)	6.133(813)	<.001
Violência Psicológica Feminina	24.38(6.652)	23.08(6.766)	1.480(.194)	.140
Violência Física Feminina	20.83(8.198)	18.48(7.120)	2.336(.307)	.020
Violência Sexual Feminina	19.81(7.417)	14.97(4.211)	6.081(.806)	<.001
Deteção de Sexismo em Adolescentes				
Sexismo Hostil	2.49(.696)	1.80(.562)	8.363(1.101)	<.001
Sexismo Benévolo	3.26(.506)	3.40(.690)	-1.800(-.234)	.073

Relativamente às atitudes em relação à violência no namoro, os resultados (Tabela 2) revelaram que os rapazes apresentaram atitudes significativamente mais permissivas nas subescalas Violência Psicológica Masculina (*M*=28.64; *DP*=7.762), $t(189.41) = 8.01$, $p < .001$, $d = 1.06$, Violência Sexual Masculina (*M*=17.88; *DP*=5.226), $t(174.77) = 6.13$, $p < .001$, $d = 0.81$, e Violência Psicológica Feminina (*M*=24.38; *DP*=6.652), $t(177.39) = 6.08$, $p < .001$, $d = 0.81$ do que as raparigas (*M*=21.80; *DP*=4.903), (*M*=14.46; *DP*=2.896), (*M*=23.08; *DP*=6.766), respetivamente.

Quanto ao sexismo, os rapazes apresentaram médias significativamente mais elevadas de sexismo hostil (*M*=2.49, *DP*=.696) em comparação com as raparigas (*M*=1.80; *DP*=.562), $t(217.10) = 8.36$, $p < .001$, com um tamanho de efeito grande ($d = 1.10$). Por outro lado, as raparigas demonstraram níveis ligeiramente mais elevados de sexismo benévolo (M=3.40; DP=.690), em comparação com os rapazes $t(216.45) = -1.80$, $p = .037$, com um efeito moderado ($d = 0.61$).

Posteriormente, para testar a hipótese 2, foi realizada uma ANOVA unidirecional para analisar o efeito da experiência em relacionamentos amorosos nos níveis de sexismo hostil e benévolo (Tabela 3).

Os participantes foram divididos em três grupos: sem experiência (''Não''), com experiência inferior a seis meses (''Sim <6m'') e com experiência superior a seis meses (''Sim >6m''). Utilizou-se o teste de Tukey para comparações post hoc.

Tabela 3

Diferenças nos níveis de sexismo hostil e benevolente consoante a experiência em relacionamentos amorosos

	F(2,230)	*p*	η^2	Comparação	Diferença Média	*p*
				Sim (>6m) VS. Sim (<6m)	-.074	.841
Sexismo Hostil	5.20	.006	.043	Sim (>6m) VS. Não	.270*	.026
				Sim (<6m) VS. Não	.345*	.021
				Sim (>6m) VS. Sim (<6m)	-.236	.094
Sexismo Benévolo	3.73	.025	.031	Sim (>6m) VS. Não	-.219*	.036
				Sim (<6m) VS. Não	.017	.0986

*** *p* < .05**

Para o sexismo hostil, houve um efeito significativo entre os grupos, $F(2, 230) = 5.20$, $p = .006$, $\eta^2 = .043$, indicando um tamanho de efeito pequeno a médio**.** Participantes com experiência superior a seis meses apresentaram níveis significativamente mais baixos do que aqueles sem experiência (diferença de média = .270, $p = .026$), assim como os com experiência inferior a seis meses (diferença de média = .345, $p = .021$). A diferença entre os dois grupos com experiência não foi significativa (diferença de média = -.074, $p = .841$).

No sexismo benévolo, também se observou um efeito significativo, $F(2, 230) = 3.73$, $p = .025$, $\eta^2 = .031$. Participantes com experiência superior a seis meses apresentaram níveis significativamente mais baixos que os sem experiência (diferença de média= -.219, p = .036). As demais comparações não foram significativas (Sim <6m vs. Não: diferença de média = 0.017, p = .986; Sim >6m vs. Sim <6m: diferença de média = -.236, p = .094).

Foram realizadas correlações de Pearson entre a média global da escala de deteção de sexismo e as diferentes formas de violência percebidas nas relações de namoro (tabela 5) conforme a testar a hipótese 3.

Tabela 4

Correlação de Pearson entre a deteção de sexismo global e os diferentes tipos de violência

	Deteção de Sexismo Global	**Violência Psicológica Masculina**	**Violência Física Masculina**	**Violência Sexual Masculina**	**Violência Psicológica Feminina**	**Violência Física Feminino**
Deteção de Sexismo Global	-					
Violência Psicológica Masculina	.556**	-				
Violência Física Masculina	.329**	.537**	-			
Violência Sexual Masculina	.447**	.603**	.538**	-		
Violência Psicológica Feminina	.334**	.482**	.346**	.315**	-	
Violência Física Feminino	.285**	.374**	.429**	.318**	.654**	-
Violência Sexual Feminino	.506**	.518**	.416**	.691**	.393**	.485**

Os resultados demonstram correlações positivas e estatisticamente significativas ($p < .01$) entre a deteção de sexismo global e todas as formas de violência analisadas, tanto dirigidas a homens como a mulheres. A correlação mais elevada foi observada entre a deteção de sexismo e a violência psicológica

contra homens (r = .556), seguida da violência sexual contra mulheres (r = .506) e da violência sexual contra homens (r = .447). Estes dados indicam que indivíduos com maior sensibilidade ao sexismo tendem também a reconhecer mais facilmente formas de violência, sobretudo de natureza psicológica e sexual.

As correlações com a violência psicológica contra mulheres (r = .334) e com as formas de violência física, tanto contra homens (r = .329) como contra mulheres (r = .285), foram mais modestas, embora ainda significativas.

Foi realizado um teste ANOVA para examinar as diferenças nas médias da divisão tradicional e da divisão igualitária dos papéis de género em função do nível de habilitações literárias das mães, de acordo com a hipótese 4. Para analisar a divisão tradicional dos papéis de género das mães, os resultados (Tabela 4) mostraram uma diferença estatisticamente significativa entre os grupos, $F(2,129) = 11.259$, $p < .001$. Os testes post-hoc indicaram que as mães que possuem o ensino superior apresentaram uma média significativamente mais baixa na Divisão Tradicional em comparação com as que possuem o ensino básico (diferença de média = -5.063, $p < .001$) e ensino secundário (diferença de média = -3.973, p = .002).

Tabela 5

Diferenças de média na Divisão Tradicional e Divisão Igualitária das mães conforme as suas habilitações literárias

	$F(2,129)$	p	η^2	Comparação	Diferença Média	p
Divisão Tradicional	11.259	<.001**	.149	Ensino Superior VS. Ensino Básico	-5.063*	<.001
				Ensino Superior VS. Ensino Secundário	-3.973*	.002
				Ensino Básico VS. Ensino Secundário	-1.090	.321
Divisão Igualitária	.296	.745	.005	Ensino Superior VS. Ensino Básico	-.189	.903
				Ensino Superior VS. Ensino Secundário	.038	.996

	Ensino Básico VS. Ensino Secundário	-.227	.745

*** $p < .05$; ** $p < .001$**

No entanto, para a divisão igualitária, não houve diferença significativa entre os grupos, $F(2, 129) = .296$, $p = .745$, não tendo sido observadas diferenças significativas entre os grupos de escolaridade (todas as comparações com $p > .05$).

Com vista a testar a hipótese 5, analisaram-se as correlações entre as crenças das mães e as perceções dos seus filhos adolescentes, tendo sido incluídas na análise 132 díades mãe-filho (N = 132 mães e N = 132 adolescentes). A análise (tabela 6) revelou uma correlação positiva significativa entre a divisão tradicional e a divisão igualitária dos papéis de género ($r = .318$, $p < .001$), sugerindo uma coexistência de atitudes tradicionais e igualitárias nas mães.

Tabela 6

Correlação de Pearson entre as atitudes maternas sobre papéis de gênero e as formas de sexismo percebidas pelos adolescentes

	Divisão Tradicional	**Divisão Igualitária**	**Sexismo Hostil**
Divisão Tradicional	-		
Divisão Igualitária	.318**	-	
Sexismo Hostil	-.254**	-.077	-
Sexismo Benévolo	-.086	.042	.268**

A divisão tradicional também se correlacionou negativamente com o sexismo hostil ($r = –.254$, $p = .003$), mas não se associou significativamente ao sexismo benévolo ($r = –.086$, $p = .325$). Por outro lado, a divisão igualitária não apresentou correlações significativas com o sexismo hostil ($r = –.077$, $p = .378$) nem com o sexismo benévolo ($r = .042$, $p = .629$). Finalmente, foi observada uma correlação positiva significativa entre o sexismo hostil e o sexismo benévolo ($r = .268$, $p < .001$).

Procedeu-se à realização de uma análise de regressão linear (tabela 7) com o intuito exploratório de verificar se alguma das variáveis em estudo poderia funcionar como preditora.

Tabela 7

Regressão linear com preditores sociodemográficos das atitudes em relação à violência no namoro

						95.0% Intervalo de Confiança para B				
	B	Erro Padrão	β	*t*	*p*	Limite inferior	Limite superior	R^2	R^2 Ajustado	F
Modelo 1								.195	.182	15.609
Constante	29.957	6.365		4.707	<.001	17.364	42.549			
Género	-4.278	.767	-.441	-5.580	<.001	-5.795	-2.761			
Idade	-.216	.380	-.045	-.567	.571	-.968	.537			
Modelo 2								.392	.368	16.241
Constante	8.277	6.819		1.214	.227	-5.219	21.772			
Género	-1.835	.831	-.189	-2.209	.029	-3.479	-.191			
Idade	.386	.348	.080	1.110	.269	-.302	1.075			
Relacionamentos (Sim/Não)	-.279	.702	-.029	-.398	.692	-1.668	1.110			
Sexismo Hostil	3.621	.633	.508	5.725	<.001	2.370	4.873			
Sexismo Benévolo	.335	.582	.043	.575	.566	-.817	1.487			
Modelo 3								.396	.396	8.879
Constante	9.550	8.756		1.091	.278	-7.783	26.883			
Género	-1.802	.844	-.186	-2.134	.035	-3.473	-.130			
Idade	.431	.361	.090	1.195	.234	-.283	1.145			
Relacionamentos (Sim/Não)	-.244	.718	-.026	-.340	.734	-1.665	1.176			
Sexismo Hostil	3.614	.666	.507	5.425	<.001	2.295	4.934			
Sexismo Benévolo	.377	.596	.048	.632	.528	-.803	1.556			
Básicos_vs_outros	.193	.764	.020	.252	.801	-1.319	1.705			
Superior_vs_outros	-.771	1.161	-.054	-.664	.508	-3.069	1.527			
Divisão Tradicional	-.013	.095	-.011	-.132	.895	-.201	.176			
Divisão Igualitária	-.039	.223	-.013	-.176	.861	-.481	.403			

No primeiro modelo, foram incluídas as variáveis sociodemográficas básicas: género e idade. O modelo revelou que o género foi um preditor significativo, apresentando um efeito negativo e moderado (*B* = -4.278, *SE* = 0.767, β = -0.441, *t* = -5.580, *p* < .001), indicando que, em média, os indivíduos do sexo feminino revelam atitudes menos permissivas face à violência no namoro do que os do sexo masculino. A idade, por outro lado, não foi um preditor significativo (*B* = –0.216, *p* =. 571). O modelo explicou 18,2% da variância das atitudes (R^2 = .182, F(2, 129) = 15.609, *p* < .001).

No segundo modelo, foram acrescentadas variáveis relativas a atitudes face às relações e sexismo. O efeito do género manteve-se significativo (*B* = -1.835, *EP* = 0.831, β = -0.189, *t* = -2.209, *p* = .029), embora com uma diminuição na magnitude do efeito. O sexismo hostil emergiu como um forte preditor positivo (*B* = 3.621, *EP* = 0.633, β = 0.508, *t* = 5.725, *p* < .001), sugerindo que níveis mais elevados de sexismo hostil se associam a atitudes mais permissivas face à violência no namoro. Nem a idade, nem a variável relacionamentos (Sim/Não) ou o sexismo benevolente revelaram efeitos significativos. O modelo explicou 36.8% da variância das atitudes (R^2 = .368, *F*(5, 126) = 16.241, *p* < .001).

O modelo final integrou ainda variáveis relativas aos valores e às orientações de socialização. O género manteve-se um preditor significativo (*B* = -1.802, *EP* = 0.844, β = -0.186, *t* = -2.134, *p* = .035), tal como o sexismo hostil, que continuou a mostrar um efeito robusto (*B* = 3.614, *EP* = 0.666, β = 0.507, *t* = 5.425, *p* < .001). Nenhuma das novas variáveis introduzidas foi estatisticamente significativa (*p* > .05), o que sugere que, neste modelo, não contribuíram de forma relevante para explicar a variância nas atitudes face à violência no namoro. O modelo explicou 39,6% da variância das atitudes (R^2 = .396, *F*(9, 122) = 8.879, *p* < .001).

Discussão

O presente estudo teve como principal objetivo analisar a influência das atitudes relativas aos papéis de género na legitimação da violência no namoro entre adolescentes, bem como explorar a possível transmissão intergeracional destas atitudes a partir das crenças das mães.

Os resultados do presente estudo revelam que o género é um preditor significativo das atitudes face à violência no namoro, com os rapazes a demonstrarem maior permissividade relativamente a comportamentos abusivos do que as raparigas. Estes resultados corroboram estudos prévios ((Sanmartín-Andújar *et al.*, 2023; Ugarte-Gurrutxaga *et al.*, 2024; Courtain & Glowacz, 2021) que apontam para uma maior aceitação da violência por parte de indivíduos do sexo masculino. De modo

geral, os rapazes demonstram uma maior tolerância face a este tipo de atitudes. Uma possível explicação para esta diferença poderá residir no facto de as raparigas, em geral, apresentarem uma maior capacidade de reconhecer situações de violência, possivelmente porque, do ponto de vista sociocultural, a violência perpetrada por homens é alvo de uma menor tolerância social (Pazos *et al.*, 2014; Rubio-Garay *et al.*, 2012). Além disso, o género parece ser um fator importante para entender estas atitudes, mais até do que a perceção direta da violência. Ou seja, o simples facto de ser rapaz ou rapariga já influencia a forma como se encara a violência nas relações (García-Díaz *et al.*, 2017). Importa ainda salientar que homens e mulheres não apenas experienciam a violência de formas distintas, como também tendem a atribuir-lhe significados diferentes (López-Cepero *et al.*, 2015). Além disso, a persistência do efeito do género mesmo após o controlo de outras variáveis reforça a ideia de que o género opera como um fator estruturante e transversal nas dinâmicas de poder e violência nas relações.

O sexismo hostil emergiu como um preditor das atitudes permissivas face à violência no namoro. Este tipo de sexismo, caracterizado por uma visão negativa e antagonista das mulheres, parece alimentar crenças que legitimam ou minimizam a gravidade da violência nas relações. Estes resultados estão em consonância com a literatura, que destaca o papel central do sexismo hostil na promoção de atitudes permissivas face à violência (Bustamante, 2020). A correlação positiva entre sexismo e permissividade à violência sugere que esta não é apenas um fenómeno relacional, mas também profundamente ideológico. Este tipo de sexismo associa-se a estereótipos negativos sobre as mulheres e a distorções cognitivas que podem favorecer a aceitação de comportamentos coercivos. Os resultados indicam ainda que a perceção do sexismo está mais fortemente relacionada com a identificação de formas de violência menos explícitas, como a psicológica e a sexual, do que com a violência física. Tal como alertam Yucel e colegas (2023), estes padrões são particularmente preocupantes, pois podem estar associados comportamentos sexualmente agressivos. Adicionalmente, verificou-se que os rapazes apresentam níveis mais elevados de sexismo hostil do que as raparigas, corroborando investigações anteriores (Ferragut *et al.*, 2017; Zawisza *et al.*, 2025). Embora o sexismo benévolo se manifeste em ambos os sexos, estudos indicam que as mulheres tendem a resistir ao sexismo hostil e, em contextos culturais altamente sexistas, podem apresentar níveis mais elevados de sexismo benevolente (Zawisza *et al.*, 2025).

Embora o sexismo benévolo não tenha surgido como um preditor significativo, os resultados mostraram que as raparigas tendem a apresentar níveis mais elevados deste tipo de crença. Apesar de não estar diretamente correlacionado com a permissividade da violência, o sexismo benévolo pode legitimar relações desiguais de gênero enquadrando-as como protetoras ou românticas. Tais atitudes podem obscurecer as implicações nefastas do sexismo benévolo, permitindo a perpetuação das

desigualdades de género e contribuindo para a violência contra as mulheres de formas mais subtis (Gutierrez & Leaper *et al.*, 2023). Uma das explicações apontadas é a perceção do apoio por parte dos parceiros íntimos a este tipo de sexismo. Quando as mulheres percebem que os seus companheiros endossam atitudes benevolentes, são mais propensas a alinhar-se com essas ideias, reforçando sentimentos de respeito e segurança na relação (Hammond *et al.*, 2016). Este padrão está também associado à valorização da estabilidade emocional e da proteção no contexto relacional, o que leva muitas mulheres a considerar atrativos os homens que expressam esse tipo de comportamentos (Cross & Overall, 2018). Além disso, o sexismo benevolente tende a não ser identificado pelas mulheres como uma forma de discriminação, precisamente por surgir envolvido em gestos aparentemente positivos, como elogios ou atitudes protetoras, o que dificulta uma leitura crítica dessas experiências (Hopkins-Doyle *et al.*, 2019).

Os adolescentes que possuíam experiência em relações amorosas superiores a seis meses apresentaram níveis mais baixos de sexismo hostil e benevolente, em comparação com aqueles sem experiência de relacionamento. Este resultado contraria algumas investigações anteriores (de Lemus *et al.*, 2010; Montañés *et al.*, 2015), que apontam para uma relação entre a experiência amorosa e níveis mais elevados de crenças sexistas. O estudo de de Lemus e colegas (2010) indica que os rapazes com maior experiência em relacionamentos tendem a apresentar níveis mais elevados de sexismo benevolente, enquanto as raparigas manifestam com maior frequência atitudes associadas ao sexismo hostil. Para além disso, Montañés e colegas (2015) observaram que os adolescentes, ao refletirem sobre as suas vivências amorosas, frequentemente revelam atitudes mais sexistas. Contudo, neste estudo, os dados sugerem que relações mais duradouras estão associadas a atitudes menos sexistas. Esta associação pode refletir o desenvolvimento de competências relacionais fundamentais como a empatia, a regulação emocional e a resolução de conflitos, que contribuem para dinâmicas mais equitativas e respeitadoras nas relações. Estas competências têm sido identificadas como centrais na construção de relações saudáveis e estão frequentemente ligadas a posturas menos alinhadas com crenças sexistas (Faber *et al.*, 2019).

Os resultados indicam que o nível de escolaridade das mães está relacionado com as suas atitudes face aos papéis de género. Mães com ensino superior tendem a adotar crenças menos tradicionais, o que corrobora com estudos anteriores que associam a educação a atitudes mais igualitárias (Deole & Zeydanli, 2021; Reynolds, 2003). Este efeito é particularmente evidente entre as mulheres, reforçando a importância da educação como fator de mudança. A escola surge, assim, como

uma instituição com potencial transformador, promovendo culturas de igualdade e afastando-se de normas tradicionais (Eddy *et al.*, 2017).

Contudo, os resultados deste estudo também revelam que muitas mães expressam simultaneamente atitudes igualitárias e tradicionais, o que aponta para uma ambivalência na forma como as normas de género são vividas e transmitidas. Esta ambivalência é consistente com a literatura anterior que mostra que as atitudes sociais sobre os papéis de género continuam a refletir uma combinação de valores igualitários e tradicionais, mesmo ao longo de várias décadas (Scarborough *et al.*, 2019).

Este cenário ambivalente pode influenciar a forma como os filhos interiorizam estas normas. Curiosamente, os dados deste estudo revelaram uma correlação negativa entre as crenças tradicionais das mães e os níveis de sexismo hostil nos filhos: quanto mais tradicionais são as atitudes das mães face aos papéis de género, menor tende a ser o sexismo hostil reportado pelos filhos. Este resultado é contraintuitivo, especialmente quando comparado com estudos anteriores que indicam que crenças parentais mais tradicionais tendem a reforçar atitudes discriminatórias nos filhos, perpetuando estereótipos e formas de sexismo (Perales *et al.*, 2020; *Dhar et al.*, 2019).

Uma possível explicação para esta diferença está na distinção entre aquilo que os pais pensam (as suas crenças) e aquilo que efetivamente fazem (os seus comportamentos). Halpern e Perry-Jenkins (2016) referem que os comportamentos parentais têm maior influência na formação das atitudes de género dos filhos do que as ideologias. Assim, mesmo quando as mães têm crenças tradicionais, podem não agir de forma hostil ou repressiva, e isso pode levar os filhos a desenvolverem formas de relação menos agressivas. Além disso, a forma como os adolescentes vivenciam os comportamentos dos pais que mais influencia a sua expressão de género (Lan & Isacoff, 2022). Deste modo, se os filhos percebem os comportamentos maternos como cuidadosos ou equilibrados, mesmo num contexto de crenças tradicionais, poderão sentir-se menos expostos a atitudes hostis e, por isso, expressar níveis mais baixos de sexismo hostil.

Estes dados reforçam, portanto, a complexidade da transmissão intergeracional das normas de género, evidenciando que não existe uma correspondência linear entre atitudes tradicionais e formas hostis de sexismo, mas sim dinâmicas mais subtis e ambivalentes.

Os resultados deste estudo apontam para a violência no namoro adolescente não como um ato isolado, emocional ou meramente situacional, mas como um fenómeno profundamente enraizado em ideologias de género, normas socioculturais de poder e desigualdades estruturais. A forte associação entre o sexismo hostil e atitudes permissivas face à violência evidencia que esta não assenta apenas em comportamentos individuais, mas em crenças sexistas amplamente legitimadas socialmente. Deste

modo, combater a violência nas relações exige mais do que intervir nos comportamentos. É fundamental atuar sobre as crenças, os discursos sociais e as estruturas que sustentam e normalizam esses padrões. A literatura reforça esta perspetiva, indicando que os indivíduos que aderem rigidamente a papéis tradicionais de género são mais propensos a justificar a violência, sobretudo quando percecionam que esses papéis estão a ser desafiados (Orozco-Vargas *et al.*, 2021).

Adolescentes que demonstram atitudes pró-igualdade tendem a apresentar níveis mais baixos de sexismo ambivalente, o que sublinha a importância de esforços educativos que promovam valores igualitários desde a infância (Bonilla-Algovia *et al.*, 2024). Intervenções educativas centradas no desenvolvimento de relações saudáveis e igualitárias têm demonstrado eficácia na redução do sexismo hostil e benevolente, bem como na diminuição da adesão a mitos românticos e comportamentos agressivos, evidenciando o seu potencial na promoção da igualdade de género entre adolescentes (Carrascosa *et al.*, 2019)

Apesar das contribuições deste estudo, importa reconhecer algumas limitações. Em particular, a subescala *Divisão Igualitária*, aplicada às mães, apresentou um valor negativo de alfa de Cronbach ($\alpha = -.228$), indicando ausência de consistência interna entre os itens e, consequentemente, comprometendo a fiabilidade dos dados associados a este construto. Optou-se por manter esta subescala por interesse exploratório, sendo os seus resultados interpretados com a devida cautela. Para investigações futuras, recomenda-se a revisão dos itens que a compõem, com vista à melhoria da sua estrutura psicométrica e adequação ao contexto.

Adicionalmente, trata-se de um estudo de carácter transversal, o que impossibilita a formulação de inferências causais. O recurso exclusivo a questionários poderá ter introduzido enviesamentos nas respostas, nomeadamente decorrentes da desejabilidade social. Por fim, o facto de a amostra incluir apenas mães limita a compreensão abrangente da transmissão intergeracional de atitudes. Estudos futuros deverão considerar a inclusão de outras figuras parentais e contextos familiares, de modo a enriquecer a análise dos processos em causa.

Conclusão

Este estudo destaca a influência significativa das atitudes de género na legitimação da violência no namoro entre adolescentes, evidenciando o papel do sexismo – sobretudo o hostil – na aceitação de comportamentos abusivos. A diferença de género nas atitudes e a persistência de crenças sexistas sublinham a urgência de intervenções educativas que promovam relações igualitárias e saudáveis. A associação entre relações amorosas mais duradouras e menores níveis de sexismo sugere que

experiências relacionais positivas podem ser fatores de proteção. Estes resultados reforçam a importância de estratégias preventivas focadas na promoção da igualdade de género desde a adolescência, com impacto potencial na interrupção do ciclo intergeracional da violência. Neste sentido, esta investigação evidencia também a necessidade de abordagens preventivas multissistémicas que incluam não só os adolescentes, mas também famílias, escolas e redes sociais, na desconstrução ativa de estereótipos de género.

Referências bibliográficas

Almeida, A. T. C. D., & Netto Júnior, J. L. D. S. (2015). Medidas de transmissão intergeracional da obesidade no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, *20*, 1401-1413. doi: 10.1590/1413-81232015205.13382014

Amato, P. R., & Booth, A. (1995). Changes in gender role attitudes and perceived marital quality. *American sociological review, 60*(1) 58-66. https://doi.org/10.2307/2096345

Andrade, C. (2016). Adaptation and factorial validation of the attitudes toward gender roles scale. *Paidéia (Ribeirão Preto), 26*, 7-14. doi:10.1590/1982-43272663201602

Barbara, G., Albertini, V., Tagi, V. M., Maggioni, L., Gorio, M. C., Cattaneo, C., ... & Kustermann, A. (2022). Characteristics of sexual violence against adolescent girls: A 10 years' retrospective study of 731 sexually abused adolescents. *International journal of women's health*, 311-321. https://doi.org/10.2147/IJWH.S343935

Beckmeyer, J. J., Herbenick, D., Fu, T.-C., Dodge, B., & Fortenberry, J. D. (2020). Prevalence of romantic experiences and competencies among 14 to 17-year-olds: Implications for the primary care setting. *Clinical Pediatrics, 59*(2), 116–126. https://doi.org/10.1177/0009922819885659

Bem, S. L. (1981). Gender schema theory: A cognitive account of sex typing. *Psychological Review, 88*(4), 354–364. https://doi.org/10.1037/0033-295X.88.4.354

Bem, S. L. (1993). The lenses of gender: Transforming the debate on sexual inequality. Yale University Press.

Boisvert, S., Poulin, F., & Dion, J. (2023). Romantic relationships from adolescence to established adulthood. *Emerging Adulthood, 11(*4), 947-958. https://doi.org/10.1177/21676968231174083

Bonilla-Algovia, E., Carrasco Carpio, C., & García-Pérez, R. (2024). Do Attitudes towards Gender Equality Influence the Internalization of Ambivalent Sexism in Adolescence?. *Behavioral Sciences*, *14*(9), 805. https://doi.org/10.3390/bs14090805

Bonomi, A. E., Anderson, M. L., Nemeth, J., Rivara, F. P., & Buettner, C. (2013). History of dating violence and the association with late adolescent health. *BMC Public Health*, 13, 1-12. https://doi.org/10.1186/1471-2458-13-821

Bouchey, H. A., & Furman, W. (2006). Dating and romantic experiences in adolescence. *Blackwell handbook of adolescence*, 312-329. https://doi.org/10.1002/9780470756607.ch15

Bowers, M. E., & Yehuda, R. (2016). Intergenerational transmission of stress in humans. *Neuropsychopharmacology, 41*(1), 232-244. https://doi.org/10.1038/npp.2015.247

Bussey, K., & Bandura, A. (1999). Social cognitive theory of gender development and differentiation. *Psychological review, 106*(4), 676.

Bustamante, R. S. (2020). Sexismo y justificación de la violencia en adolescentes ecuatorianos de contextos en riesgo psicosocial. *Avances en Psicología*, *28*(2), 229-242. https://doi.org/10.33539/avpsicol.2020.v28n2.2251

Cava, M. J., Castillo, I., Buelga, S., & Tomás, I. (2023). Relationships among romantic myths, tolerant attitudes toward abuse, and teen dating violence victimization: the moderator role of gender. *Youth & Society, 55*(8), 1542-1567. https://doi.org/10.1177/0044118X221119235

Carrascosa, L., Cava Caballero, M. J., Buelga Vásquez, S., & Jesus, S. N. D. (2019). Reduction of sexist attitudes, romantic myths, and aggressive behaviors in adolescents: Efficacy of the DARSI program. https://doi.org/10.7334/psicothema2018.245

Carver, K., Joyner, K., & Udry, J. R. (2003). National estimates of adolescent romantic relationships. In *Adolescent romantic relations and sexual behavior* (pp. 37-70). Psychology Press.

Centers for Disease Control and Prevention. (2020). *Preventing teen dating violence: What is teen dating violence?* https://www.cdc.gov/violenceprevention/pdf/ipv/TDV-factsheet_2020.pdf

Centers for Disease Control and Prevention. (2021). *Preventing teen dating violence*. Author. https://www.cdc.gov/violenceprevention/pdf/ipv/TDV-factsheet_508.pdf

Chen, I. J., Shen, Y. F., & Zhang, H. L. (2016). The relationship between single parents' sex-role types and children's social adaptation: the mediating role of child-rearing sex-role attitude. *Psychological Development and Education, 32*(3), 301-309. https://doi.org/10.16187/j.cnki.issn1001-4918.2016.03.06

Chen, I. J., Wang, X., Sun, Z., Tang, P., & Chen, P. (2024). Intergenerational transmission of parental child-rearing gender-role attitudes and its influence on gender roles in single-parent families. *BMC psychology, 12*(1), 96. https://doi.org/10.1186/s40359-024-01594-z

Chen, I. J., Zhang, H., Wei, B., & Guo, Z. (2019). The model of children's social adjustment under the gender-roles absence in single-parent families. *International Journal of Psychology, 54*(3), 316-324. https://doi.org/10.1002/ijop.12477

Chi, L. P., & Yu, G. L. (2011). Mechanisms of intergenerational transmission of educational attainment: Perspectives of capital and communication. *Educational Research, 9*, 22-28.

Collins, W. A. (2003). More than myth: The developmental significance of romantic relationships during adolescence. *Journal of research on adolescence, 13*(1), 1-24. https://doi.org/10.1111/1532-7795.1301001

Comodo, C. N., Prette, A. D., & Prette, Z. A. P. D. (2017). Intergeracionalidade das habilidades sociais entre pais e filhos adolescentes. *Psicologia: teoria e pesquisa, 33*, e33311. https://doi.org/10.1590/0102.3772e33311

Courtain, A., & Glowacz, F. (2021). Exploration of dating violence and related attitudes among adolescents and emerging adults. *Journal of interpersonal violence*, *36*(5-6), NP2975-NP2998. https://doi.org/10.1177/0886260518770185

Coyne, S. M., Linder, J. R., Rasmussen, E. E., Nelson, D. A., & Collier, K. M. (2014). It'sa bird! It'sa plane! It'sa gender stereotype!: Longitudinal associations between superhero viewing and gender stereotyped play. *Sex Roles, 70*, 416-430. https://doi.org/10.1007/s11199-014-0374-8

Cross, E. J., & Overall, N. C. (2018). Women's attraction to benevolent sexism: Needing relationship security predicts greater attraction to men who endorse benevolent sexism. *European journal of social psychology*, *48*(3), 336-347. https://doi.org/10.1002/ejsp.2334

de Lemus, S., Moya, M., & Glick, P. (2010). When contact correlates with prejudice: Adolescents' romantic relationship experience predicts greater benevolent sexism in boys and hostile sexism in girls. *Sex roles*, *63*, 214-225. https://doi.org/10.1007/s11199-010-9786-2

Deole, S. S., & Zeydanli, T. (2021). *Does education predict gender role attitudes?: Evidence from European datasets* (No. 793 [rev.]). GLO Discussion Paper. http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3791949

Diekman, A. B., & Eagly, A. H. (2008). Of women, men, and motivation: A role congruity account. In J. Y. Shah, & W. L. Gardner (Eds.), *Handbook of motivation science* (pp. 434-447). Guilford Press.

Dhar, D., Jain, T., & Jayachandran, S. (2019). Intergenerational transmission of gender attitudes: Evidence from India. *The Journal of Development Studies*, *55*(12), 2572-2592. https://doi.org/10.1080/00220388.2018.1520214

Dobash, R. E., & Dobash, R. (1979). *Violence against wives: A case against the patriarchy* (Vol. 15). New York: Free Press.

Eagly, A. H., & Koenig, A. M. (2021). The vicious cycle linking stereotypes and social roles. *Current Directions in Psychological Science*, *30*(4), 343-350. https://doi.org/10.1177/09637214211013775

Eagly, A. H., Nater, C., Miller, D. I., Kaufmann, M., & Sczesny, S. (2020). Gender stereotypes have changed: A cross-temporal meta-analysis of U.S. public opinion polls from 1946 to 2018. *American Psychologist, 75*(3), 301–315. https://doi.org/10.1037/amp0000494

Eddy, P. L., Ward, K., & Khwaja, T. (Eds.). (2017). *Critical approaches to women and gender in higher education*. New York, NY: Palgrave Macmillan.

Endendijk, J. J., Groeneveld, M. G., & Mesman, J. (2018). The gendered family process model: An integrative framework of gender in the family. *Archives of sexual behavior, 47*, 877-904. https://doi.org/10.1007/s10508-018-1185-8

Faber, A. J., Chin, E. G., Wilburn, V. R., & Shafaie, S. M. (2019). Measuring romantic competence in young adults: the inventory of romantic relationship competence. *Interpersona: An International Journal on Personal Relationships*, *13*(1), 72-95. https://doi.org/10.5964/ijpr.v13i1.341

Ferragut, M., Blanca, M. J., Ortiz-Tallo, M., & Bendayan, R. (2017). Sexist attitudes and beliefs during adolescence: A longitudinal study of gender differences. *European Journal of Developmental Psychology*, *14*(1), 32-43. https://doi.org/10.1080/17405629.2016.1144508

Fernandes, M. I. D., Moreira, I. M. P. B., Silva, A. M., de Sá, M. D. C. A., Veríssimo, C. M. F., & da Cruz Leitão, M. N. (2020). Escala de Detección de Sexismo en Adolescentes: tradução e validação para o contexto português. *Revista de Enfermagem Referência*, (1), e19075. https://doi.org/10.12707/RIV19075

Foshee, V. A., Linder, F., MacDougall, J. E., & Bangdiwala, S. (2001). Gender differences in the longitudinal predictors of dating violence. *Preventive Medicine, 32*, 128–141. https://doi.org/10.1006/pmed.2000.0793

Furman, W., & Collins, W. A. (2009). Adolescent romantic relationships and experiences. In K. H. Rubin, W. M. Bukowski, & B. Laursen (Eds.), *Handbook of peer interactions, relationships, and groups* (pp. 341–360). Guilford Press.

García-Díaz, V., Bringas, C., Fernández-Feito, A., Antuña, M. Á., Lana, A., Rodríguez-Franco, L., & Rodríguez-Díaz, F. J. (2017). Tolerance and perception of abuse in youth dating relationships. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, *26*(5), 462-474. https://doi.org/10.1080/10926771.2017.1304477

García-Díaz, V., Lana-Pérez, A., Fernández-Feito, A., Bringas-Molleda, C., Rodríguez-Franco, L., & Rodríguez-Díaz, F. J. (2018). Actitudes sexistas y reconocimiento del maltrato en parejas jóvenes. *Atención primaria, 50*(7), 398-405. https://doi.org/10.1016/j.aprim.2017.04.001

Giordano, P. C., Soto, D. A., Manning, W. D., & Longmore, M. A. (2010). The characteristics of romantic relationships associ- ated with teen dating violence. *Social Science Research, 39*(6), 863–874. https://doi.org/10.1016/j.ssresearch.2010.03.009

Grønhøj, A., & Thøgersen, J. (2009). Like father, like son? Intergenerational transmission of values, attitudes, and behaviours in the environmental domain. *Journal of Environmental Psychology, 29*(4), 414-421. https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2009.05.002

Gutierrez, B. C., & Leaper, C. (2023). Linking Ambivalent Sexism to Violence-Against-Women Attitudes and Behaviors: A Three-Level Meta-analytic. https://doi.org/10.1007/s12119-023-10127-6

Halpern, H. P., & Perry-Jenkins, M. (2016). Parents' gender ideology and gendered behavior as predictors of children's gender-role attitudes: A longitudinal exploration. *Sex roles*, *74*, 527-542. https://doi.org/10.1007/s11199-015-0539-0

Hammond, M. D., Overall, N. C., & Cross, E. J. (2016). Internalizing sexism within close relationships: Perceptions of intimate partners' benevolent sexism promote women's endorsement of benevolent sexism. *Journal of personality and social psychology*, *110*(2), 214. https://doi.org/10.1037/pspi0000043

Hanek, K. J., & Garcia, S. M. (2022). Barriers for women in the workplace: A social psychological perspective. *Social and Personality Psychology Compass*, *16*(10), e12706. https://doi.org/10.1111/spc3.12706

Harper, M. S., & Welsh, D. P. (2007). Keeping quiet: Self-silencing and its association with relational and individual functioning among adolescent romantic couples. *Journal of Social and Personal Relationships, 24*(1), 99-116. https://doi.org/10.1177/0265407507072601

Hopkins-Doyle, A., Sutton, R. M., Douglas, K. M., & Calogero, R. M. (2019). Flattering to deceive: Why people misunderstand benevolent sexism. Journal of Personality and Social Psychology, 116(2), 167-192. https://doi.org/10.1037/pspa0000135

Hopkins, P., Olson, E., Pain, R., & Vincett, G. (2011). Mapping intergenerationalities: the formation of youthful religiosities. *Transactions of the Institute of British Geographers, 36*(2), 314-327. https://doi.org/10.1111/j.1475-5661.2010.00419.x

Jiménez-Picón, N., Romero-Martín, M., Romero-Castillo, R., Palomo-Lara, J. C., & Alonso-Ruíz, M. (2023). Internalization of the romantic love myths as a risk factor for gender violence: A systematic review and meta-analysis. *Sexuality research and social policy, 20*(3), 837-854. https://doi.org/10.1007/s13178-022-00747-2

Kaferly, J., Furniss, A., & Allison, M. A. (2020). Transmission of intergenerational parenting attitudes and natural mentorship: associations within the Longscan population. *Child Abuse & Neglect, 108*, 104-662. https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2020.104662

Kessler, A. S., & Milligan, K. (2021). Acculturation, education, and gender roles: evidence from Canada. *Oxford Economic Papers, 73*(2), 509-533. https://doi.org/10.1093/oep/gpaa032

Kollmayer, M., Schober, B., & Spiel, C. (2018). Gender stereotypes in education: Development, consequences, and interventions. *European journal of developmental psychology, 15*(4), 361-377. https://doi.org/10.1080/17405629.2016.1193483

Kretschmer, D. (2024). The Gendered Influence of Cross-Gender Friends on the Development of Adolescents' Gender Role Attitudes. *Sex Roles, 90*(9), 1218-1233. https://doi.org/10.1007/s11199-024-01505-x

Krishna, S., Thomas, T. M., & Sreekumar, S. (2024). Gendered parenting and gender role attitude among children. *Culture & Psychology*, 1354067X241285338 https://doi.org/10.1177/1354067X241285338

Lan, M., & Isacoff, N. (2022). Parents' attitudes predict adolescent gender expression. *Psychology*, *13*(2), 301-312. https://doi.org/10.4236/psych.2022.132018

Lapierre, A., Paradis, A., Todorov, E., Blais, M., & Hébert, M. (2019). Trajectories of psychological dating violence perpetration in adolescence. *Child Abuse & Neglect, 97*, 104167. https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2019.104167

Leaper, C., & Valin, D. (1996). Predictors of Mexican American mothers' and fathers' attitudes toward gender equality. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences, 18*(3), 343-355. https://doi.org/10.1177/07399863960183005

Leve, L. D., Khurana, A., & Reich, E. B. (2015). Intergenerational transmission of maltreatment: A multilevel examination. Development and Psychopathology, 27(4pt2), 1429–1442. doi:10.1017/S0954579415000851

López-Cepero, J., Lana, A., Rodríguez-Franco, L., Paíno, S. G., & Rodríguez-Díaz, F. J. (2015). Percepción y etiquetado de la experiencia violenta en las relaciones de noviazgo juvenil [Perception and labeling of violent experience in youth dating relationships]. *Gaceta Sanitaria*, 29, 21–26. http://dx.doi.org/10.1016/j.gaceta.2014.07.006

Machado, C., Caridade, S., & Martins, C. (2010). Violence in juvenile dating relationships self-reported prevalence and attitudes in a Portuguese sample. *Journal of family violence, 25*, 43-52. https://doi.org/10.1007/s10896-009-9268-x

Madden, V., Domoney, J., Aumayer, K., Sethna, V., Iles, J., Hubbard, I., ... & Ramchandani, P. (2015). Intergenerational transmission of parenting: Findings from a UK longitudinal study. *The European Journal of Public Health, 25*(6), 1030-1035. https://doi.org/10.1093/eurpub/ckv093

Mahlstedt, D. L., & Welsh, L. A. (2005). Perceived causes of physical assault in heterosexual dating relationships. *Violence Against Women, 11*, 447-472. https://doi.org/10.1177/1077801204273298

Marin, A. H., Martins, G. D. F., Freitas, A. P. C. D. O., Silva, I. M., Lopes, R. D. C. S., & Piccinini, C. A. (2013). Transmissão intergeracional de práticas educativas parentais: evidências empíricas. *Psicologia: teoria e pesquisa, 29*, 123-132. https://doi.org/10.1590/S0102-37722013000200001

Martin, C. L., & Ruble, D. (2004). Children's search for gender cues: Cognitive perspectives on gender development. *Current directions in psychological science, 13*(2), 67-70. https://doi.org/10.1111/j.0963-7214.2004.00276.x

Martin, C., Ruble, D. N., & Szkrybalo, J. (2002). Cognitive theories of early gender development. Psychological Bulletin, 128(6), 903-933. doi: 10.1037//0033-2909.128.6.903

Matos, M., Negreiros, J., Simões, C. & Gaspar, T. (2009). *Violência, Bullying e Delinquência*. Lisboa: Coisas de Ler.

Mesman, J., & Groeneveld, M. G. (2018). Gendered parenting in early childhood: Subtle but unmistakable if you know where to look. *Child Development Perspectives, 12*(1), 22-27. https://doi.org/10.1111/cdep.12250

Montañés, P., Megías, J. L., De Lemus, S., & Moya, M. (2015). Influence of early romantic relationships on adolescents' sexism/Sexismo en la adolescencia: influencia de las primeras relaciones de pareja. *International Journal of Social Psychology*, *30*(2), 219-240. https://doi.org/10.1080/21711976.2015.1016756

Niu, H., Liu, L., & Wang, M. (2018). Intergenerational transmission of harsh discipline: The moderating role of parenting stress and parent gender. *Child abuse & neglect, 79*, 1-10. https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2018.01.017

Orozco-Vargas, A. E., Mercado-Monjardín, M. D. R., García-López, G. I., Venebra-Muñoz, A., & Aguilera-Reyes, U. (2021). Creencias sobre la violencia y sus efectos en la prevalencia de la violencia en el noviazgo. *Acta colombiana de psicología*, *24*(1), 154-166. https://doi.org/10.14718/acr2021.24.1.14

Pazos, M., Oliva, A., & Hernando, A. (2014). Violencia en relaciones de pareja jóvenes y adolescentes [Violence in youth and adolescent couple relationships]. *Revista Latinoamericana De Psicología*, 46, 148–159. https://doi.org/10.1016/S0120-0534(14)70018-4

Perales, F., Hoffmann, H., King, T., Vidal, S., & Baxter, J. (2021). Mothers, fathers and the intergenerational transmission of gender ideology. Social science research, 99, 102597. https://doi.org/10.1016/j.ssresearch.2021.102597

Piolanti, A., Waller, F., & Foran, H. M. (2023). Long-term Adverse Outcomes Associated With Teen Dating Violence: A Systematic Review. *Pediatrics*, *151*(6). https://doi.org/10.1542/peds.2022-059654

Portengen, C. M., van Baar, A. L., & Endendijk, J. J. (2023). A neurocognitive approach to studying processes underlying parents' gender socialization. *Frontiers in Psychology, 13*, 1054886. https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.1054886

Price, E. L., & Byers, E. S. (1999). The attitudes towards dating violence scales: Development and initial validation. *Journal of Family Violence, 14*, 351-375. https://doi.org/10.1023/A:1022830114772

Quintelier, E. (2015). Intergenerational transmission of political participation intention. *Acta Politica, 50*, 279-296. https://doi.org/10.1057/ap.2014.19

Ramírez-Carrasco, D., Ferrer-Urbina, R., & Ponce-Correa, F. (2023). Jealousy, sexism, and romantic love myths: the role of beliefs in online dating violence. *Frontiers in psychology*, *14*, 1212737. https://doi.org/10.3389/fpsyg.2023.1212737

Raveesh, B. N., Rai, S., Kaur, D., Bandyopadhyay, D., Gautam, A., Shetty, J., & Parmar, J. M. (2022). Domestic violence current legal status: psychiatric evaluation of victims and offenders. *Indian journal of psychiatry, 64*(Suppl 1), S134-S145. doi: 10.4103/indianjpsychiatry.indianjpsychiatry_715_21

Recio, P., Cuadrado, I., & Ramos, E. (2007). Propiedades psicométricas de la Escala de Detección de Sexismo en Adolescentes (DSA). *Psicothema, 19*(3), 522-528.

Reitzel-Jaffe, D., & Wolfe, D. A. (2001). Predictors of relationship abuse among young men. *Journal of Interpersonal Violence, 16*(2), 99-115. https://doi.org/10.1177/088626001016002001

Reyes, H. L. M., Foshee, V. A., Niolon, P. H., Reidy, D. E., & Hall, J. E. (2016). Gender role attitudes and male adolescent dating violence perpetration: Normative beliefs as moderators. *Journal of youth and adolescence, 45*, 350-360. https://doi.org/10.1007/s10964-015-0278-0

Reyna, C. (2000). Lazy, dumb, or industrious: When stereotypes convey attribution information in the classroom. *Educational Psychology Review, 12*, 85-110. https://doi.org/10.1023/A:1009037101170

Reynolds, R. M. (2003). *Times they are a'changin': effects of social structural positions and network characteristics on changes in gender-role attitudes among returning women students*. Louisiana State University and Agricultural & Mechanical College. doi: 10.31390/gradschool_theses.1197

Romito, P., Beltramini, L., & Escribà-Agüir, V. (2013). Intimate partner violence and mental health among Italian adolescents: Gender similarities and differences. *Violence Against Women, 19*(1), 89-106. https://doi.org/10.1177/1077801212475339

Rubio-Garay, F., López-González, M. Á., Saúl, L. Á., & Sánchez-Elvira-Paniagua, Á. (2012). Direccionalidad y expresión de la violencia en las relaciones de noviazgo de los jóvenes. *Acción psicológica*, *9*(1), 61-70. http://dx.doi.org/10.5944/ap.9.1.437

Saavedra, R., Machado, C., & Martins, C. (*no prelo*). Escala de atitudes sobre a violência no namoro (EAVN). In L. S. Almeida, M. R. Simões, & M. M. Gonçalves (Eds.), *Instrumentos e contextos de avaliação psicológica* (Vol. 2). Almedina.

Saavedra, R., & Machado, C. (2012). Violência nas relações de namoro entre adolescentes: Avaliação do impacto de um programa de sensibilização e informação em contexto escolar. *Análise Psicológica, 30*(1/2), 109-130. https://doi.org/10.14417/ap.536

Sánchez Guerrero, L., Schober, P. S., & van der Vleuten, M. (2023). A time of great change: how parents, friends, and classmates shape adolescents' attitudes towards the gender division of labor. *Journal of Youth and Adolescence, 52*(9), 1811-1828. https://doi.org/10.1007/s10964-023-01799-2

Sanmartín-Andújar, M., Vila-Fariñas, A., Pérez-Ríos, M., Rey-Brandariz, J., Candal-Pedreira, C., Martín-Gisbert, L., ... & Varela-Lema, L. (2023). Perception of dating violence among adolescents. Transversal study. *Revista Española de salud pública*, *97*, e202306056-e202306056.

Scarborough, W. J., Sin, R., & Risman, B. (2019). Attitudes and the stalled gender revolution: Egalitarianism, traditionalism, and ambivalence from 1977 through 2016. *Gender & Society*, *33*(2), 173-200. https://doi.org/10.1177/0891243218809604

Sears, H. A., Byers, E. S., & Price, L. (2007). The co-occurrence of adolescent boys' and girls' use of psychologically, physically, and sexually abusive behaviors in their dating relationships. *Journal of Adolescence, 30*, 487–504. https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2006.05.002

Shen, A. C. T., Chiu, M. Y. L., & Gao, J. (2012). Predictors of dating violence among Chinese adolescents: The role of gender-role beliefs and justification of violence. *Journal of interpersonal violence, 27*(6), 1066-1089. https://doi.org/10.1177/0886260511424497

Silva, K. C., Coutinho, M. D. P. D. L., Bú, E. A. D., Cavalcanti, J. G., & Pinto, A. V. D. L. (2021). Dating and dating violence: social representations of school adolescents. *Psico-USF*, 26(4), 659-672. https://doi.org/10.1590/1413-82712021260405

Sinno, S. M., & Killen, M. (2009). Moms at Work and Dads at Home: Children's Evaluations of Parental Roles. Applied Developmental Science, 13(1), 16–29. https://doi.org/10.1080/10888690802606735

Smetana, J. G., Campione-Barr, N., & Metzger, A. (2006). Adolescent development in interpersonal and societal contexts. *Annual Review of Psychology, 57*, 255–284. https://doi.org/10.1146/annurev.psych.57.102904.190124

Ugarte-Gurrutxaga, M. I., Molina-Gallego, B., de Corral, G. M., Mordillo-Mateos, L., Humanes-García, M., & Carmona-Torres, J. M. (2024). Attitudes and Beliefs About Gender Violence in Toledo University Students: a Cross-sectional Study. https://doi.org/10.21203/rs.3.rs-3954117/v1

Ullrich, R., Becker, M., & Scharf, J. (2022). The development of gender role attitudes during adolescence: Effects of sex, socioeconomic background, and cognitive abilities. *Journal of Youth and Adolescence, 51*(11), 2114-2129. https://doi.org/10.1007/s10964-022-01651-z

Verhoeven, M., Junger, M., van Aken, C., Deković, M., & van Aken, M. A. (2010). Parenting and children's externalizing behavior: Bidirectionality during toddlerhood. *Journal of Applied Developmental Psychology*, *31*(1), 93-105. https://doi.org/10.1016/j.appdev.2009.09.002

Weber, L., & Gomide, P. I. C. (2007). Relação entre comportamento moral dos pais e dos filhos adolescentes. *Estudos de Psicologia, 24*(1), 53-60. https://doi.org/10.1590/S0103-166X2007000100006

Weber, L. N. D., Selig, G. A., Bernardi, M. G., & Salvador, A. P. V. (2006). Continuidade dos estilos parentais através das gerações: Transmissão intergeracional de estilos parentais. *Paidéia (Ribeirão Preto), 16*, 407-414. https://doi.org/10.1590/S0103-863X2006000300011

Wilhelm, J., Schober, P. S., & Guerrero, L. S. (2023). Gender ideologies across the transition to adulthood in Germany: How early romantic relationships slow down the egalitarian trend. *Advances in Life Course Research, 58*, 100574. https://doi.org/10.1016/j.alcr.2023.100574

Yang, M., Chen, I. J., Song, Y., & Wang, X. (2021). Comparison of intergenerational transmission of gender roles between single-parent families and two-parent families: The influence of parental child-rearing gender-role attitudes. *Children and Youth Services Review, 125*, 105985. https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2021.105985

Yucel, E., Angelone, D. J., & Jones, M. C. (2023). Reassessing the confluence model of men's risk for sexual aggression. *Journal of interpersonal violence*, *38*(7-8), 6062-6084. https://doi.org/10.1177/08862605221127376

Zawisza, M., Kosakowska-Berezecka, N., Glick, P., Olech, M., Besta, T., Jurek, P., ... & Żadkowska, M. (2025). Worse for Women, Bad for All: A 62-Nation Study Confirms and Extends Ambivalent Sexism Principles to Reveal Greater Social Dysfunction in Sexist Nations. *Social Psychological and Personality Science*, 19485506241302882. https://doi.org/10.1177/19485506241302882